

Max Weber e as origens do “capitalismo racional”

“[A sociologia] é uma ciência que se interessa pela compreensão interpretativa da ação social e, por isso mesmo, pela explanação causal de seu curso e consequências [...] *A ação é ‘social’ na medida em que seu significado subjetivo leva em conta o comportamento dos outros e, em função disso, é orientada em seu curso*” (*Economia e sociedade*).

Todas as somas que o povo lhe dava pela sua pregação, ele se apressava em partilhar e dar aos pobres. Ele considerava indigno de pensar no dia seguinte em nossa vida terrestre, pois aspirava receber as riquezas da vida eterna; ele distribuía aos pobres os dons de todos, de modo a receber de Deus as recompensas prometidas. Ele fazia um comércio feliz, distribuindo aos pobres, com alegria, bens efêmeros e recebendo na felicidade bens magníficos e eternos... (*“Quicquid uero ei populus in stipendia praedicationis sponte obtulit omnia pauperibus diuidere festinauit. Indignum ei fuit de crastino praesentis uitae cogitare, qui diuitias aeternae uitae accipere anhelauit. Ideo oblata ab hominibus distribuit ut promissa a Deo acciperet. Felix commercium ut qui parua ac transitória hilariter distribuere magna et aeterna feliciter esset accepturus”*, *Vita Richarii*, 5).

O ser humano só se individualiza pelo processo histórico. Ele aparece originalmente como um ser genérico, ser tribal, animal gregário –ainda que de forma alguma como um “animal político” em sentido político. A própria troca é um meio essencial dessa individuação. Ela torna o sistema gregário supérfluo e o dissolve (Karl Marx, *Grundrisse*, p. 90a).

Falamos de mercado quando pelo menos por um lado há uma pluralidade de interessados que competem por oportunidades de troca. Quando estes se reúnem em determinado lugar, no mercado local, no do comércio a longa distância (anual, feira) ou no de comerciantes (bolsa), temos apenas a forma mais consequente da constituição do mercado, sendo esta, no entanto, a única que possibilita o pleno desdobramento do fenômeno específico do mercado: o regateio [...] Do ponto de vista sociológico, o mercado representa uma coexistência e sequência de relações associativas racionais [...] A comunidade de mercado como tal constitui a relação vital prática mais impessoal que possa existir entre os homens. Não porque o mercado implica a luta entre os interessados [...] Mas porque ele é orientado de modo especificamente objetivo, pelo interesse nos bens de troca e nada mais [...] O mercado, em contraposição a todas as demais relações comunitárias que sempre pressupõem a confraternização pessoal e na maioria das vezes a consanguinidade, é estranho, já na raiz, a toda confraternização. A troca livre realiza-se inicialmente somente com parceiros fora da comunidade de vizinhos e de todas as associações de caráter pessoal.

A. Fatores que “em última instância (...) produziram o capitalismo”:

1. a empresa racional (permanente)
2. a contabilidade racional
3. a tecnologia racional
4. o direito racional
5. o espírito racional
6. a racionalização da conduta de vida
7. uma ética econômica racionalista

B. “Os pressupostos mais gerais do (...) capitalismo atual”:

1. a conta racional de capital
2. a liberdade do mercado
3. a tecnologia racional
4. o direito racional ou calculável
5. o trabalho livre
6. a comercialização da vida econômica

C. “Características que distinguem o capitalismo ocidental e suas causas”:

1. uma organização racional do trabalho
2. ausência de separação entre economia interna e externa
3. o Estado moderno
4. o direito racional
5. a ciência moderna
6. uma ética racional para a conduta de vida

Fatores econômicos

Contabilidade moderna;

Trabalho livre;

Surgimento dos mercados de massa;

Surgimento da sociedade anônima ou sociedade por ações;

Especulação racional;

Fábrica;

Ciência e tecnologia modernas.

Fatores Políticos

Cidadania;

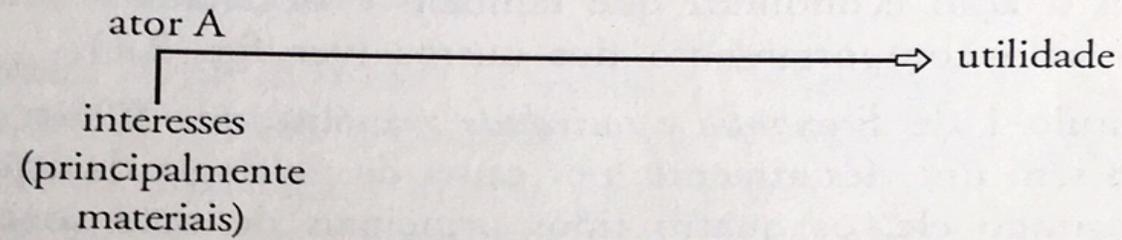
Estado racional (burocracia, sistema orçamentário e sistema jurídico).

Fatores Religiosos

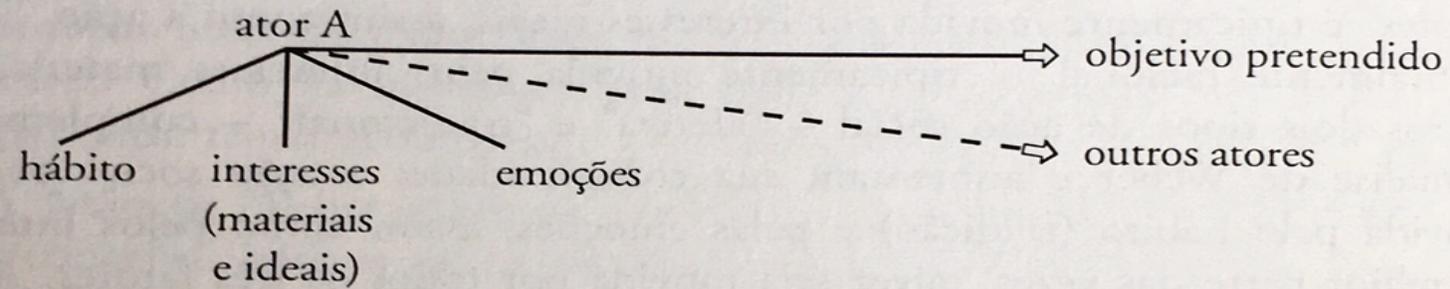
Magia é extraída da religião;

Positivação da ação econômica metódica.

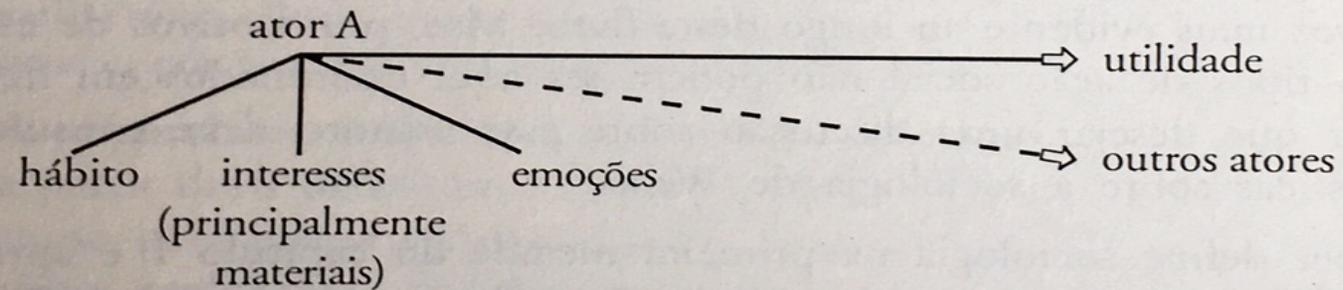
A. Teoria econômica (ação econômica)



B. Sociologia (ação social)



C. Sociologia econômica (ação social econômica)



“Do mesmo modo, a economia – nem toda, mas nossa economia moderna, em nossas condições modernas – precisa da garantia do poder de disposição pela coação jurídica do Estado” (*Economia e Sociedade*, p. 38).

	Ação econômica racional	Ação econômica irracional
Objetivos exclusivamente econômicos	Teoria econômica/ Sociologia econômica	Sociologia econômica
Objetivos não exclusivamente econômicos	Sociologia econômica	Sociologia econômica

R. Swedberg, Max Weber e a idéia de sociologia econômica, p. 50.

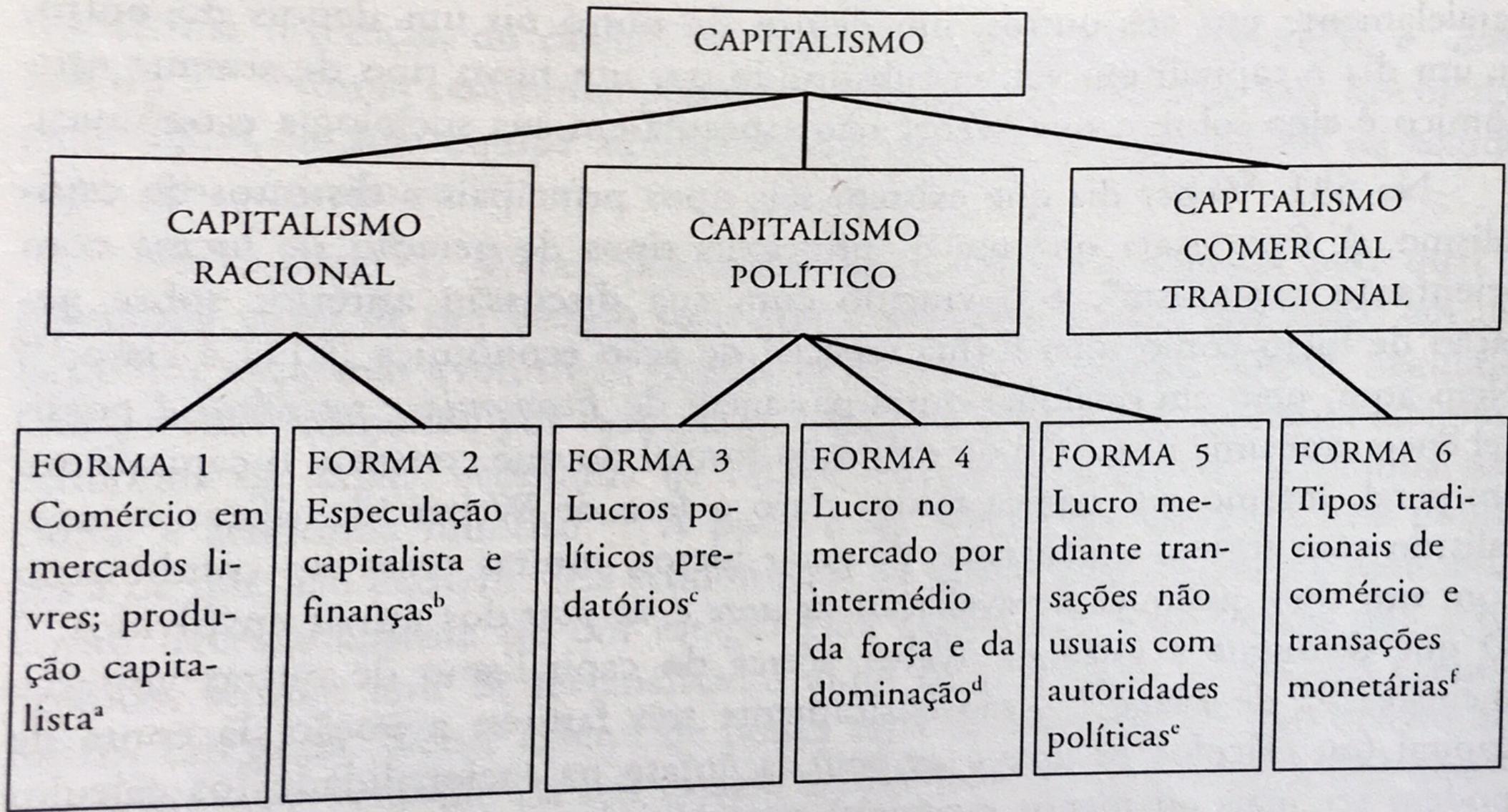
	Ação econômica tradicional	Ação econômica racional
Economia doméstica	Unidade doméstica tradicional; oikos	Família moderna; economias socialistas
Geração de lucros	Forma obsoleta de ganhar dinheiro; manufatura tradicional	Atividade bancária moderna; empresa moderna

R. Swedberg, Max Weber e a idéia de sociologia econômica, p. 56.

	A violência não é usada	A violência é usada
O principal objetivo é econômico	Ação econômica	Ação economicamente orientada
Considerações econômicas são levadas em conta	Ação economicamente orientada	Ação economicamente orientada

R. Swedberg, Max Weber e a idéia de sociologia econômica, p. 57.

Apenas o Ocidente conhece empresas racionais capitalistas com capital fixo, trabalho livre e especialização e coordenação racionais do trabalho, bem como uma distribuição de serviços orientada puramente pelos princípios da economia de troca e realizada sobre a base de economias aquisitivas capitalistas. Isto é: a forma capitalista da organização do trabalho, formalmente de caráter puramente voluntário, como modo típico e dominante de provimento das necessidades de amplas as massas, com expropriação dos trabalhadores dos meios de obtenção e apropriação dos empreendimentos por parte dos possuidores dos títulos (*Economia e Sociedade*, p. 110).



R. Swedberg, Max Weber e a idéia de sociologia econômica, p. 76.

Mesmo com considerável racionalização da ação, a influência exercida pela orientação tradicional permanece relativamente importante. O desenvolvimento da gestão econômica racional a partir da busca puramente instintiva e reativa de alimento ou a partir da utilização de uma técnica racional e de relações sociais habituais está condicionada também, em considerável grau, por ações e acontecimentos não econômicos e não-cotidianos e, além disso, pela pressão da necessidade por restrição absoluta ou (regularmente) relativa do espaço de subsistência (*Economia e Sociedade*, p. 41).

Naturalmente, não existe para a ciência, em princípio, uma “situação econômica primordial”. Poder-se-ia, por convenção, chegar ao acordo de considerar e analisar como tal a situação da economia em determinado nível técnico: o do equipamento mínimo constatável. Mas não nos cabe, de modo algum, deduzir dos atuais rudimentos encontráveis entre os povos primitivos pobres em equipamentos (por exemplo, os vedas ou certas tribos no interior do Brasil), que a gestão econômica de todos os povos do passado situados no mesmo nível de desenvolvimento teve a mesma forma. Pois do ponto de vista puramente econômico, existia nesse nível de desenvolvimento a possibilidade tanto de uma intensa acumulação de trabalho em grandes grupos quanto, ao contrário, de um extremo isolamento em grupos pequenos. Para a decisão entre ambas as possibilidades, além de circunstâncias econômicas naturalmente condicionadas, determinadas circunstâncias extra-econômicas (por exemplo, militares) puderam oferecer também estímulos muito diversos (*Economia e Sociedade*, p. 41).

O sentido racional econômico das regulações do mercado cresceu historicamente com a ampliação da liberdade formal de mercado e da universalização da mercabilidade. As regulações primárias estavam condicionadas em parte por ideias tradicionais ou mágicas, em parte por interesses do clã, do estamento, militares ou político-sociais, em parte, por fim, pelas necessidades daqueles que dominaram a respectiva associação, mas em todo caso determinadas por interesses que não estavam orientados pela tendência para alcançar o máximo de oportunidades de lucro ou de abastecimento de bens, puramente racionais ou de acordo com o mercado, para os interessados neste último, e muitas vezes em colisão com este máximo. Ou 1) excluía permanentemente da mercabilidade determinados objetos, como as limitações por motivos mágicos, de clã ou estamentais (por exemplo, na esfera mágica, o tabu, na do clã, os bens hereditários, na do estamento, o feudo) ou o faziam temporariamente, como as regulações políticas em situações de carestia (por exemplo, para cereais). Ou ligavam a venda a determinadas preferências (de parentes, membros do mesmo estamento ou da mesma corporação, concidadãos) ou a preços máximos (por exemplo, regulações de preços em tempos de guerra) ou, ao contrário, a preços mínimos (por exemplo, regulações de preços em tempos de guerra) ou, ao contrário, a preços mínimos (por exemplo, honorários estamentalmente regulados de magos, advogados, médicos).

Ou 2) excluía determinadas categorias de pessoas (nobres, camponeses ou, em certas circunstâncias, artesãos) da participação nas atividades de mercado, em geral ou para determinados objetos. Ou 3) limitavam por regulações de consumo (ordens estamentais de consumo, racionamentos por motivos de economia de guerra ou de políticas de preços) a liberdade de mercado dos consumidores. Ou 4) restringiam a liberdade de mercado dos concorrentes, por motivos estamentais (por exemplo, nas profissões liberais) ou de política de consumo, de lucro ou social (política alimentícia das corporações). Ou 5) reservam para o poder político (monopólios dos príncipes) ou para seus concessionários (típico entre os monopolistas nos primórdios do capitalismo) o aproveitamento de determinadas oportunidades econômicas. Dessas categorias de regulação do mercado, a quinta era a mais racional, do ponto de vista do mercado, sendo a primeira a menos racional (*Economia e Sociedade*, p. 51).